

## UM OUTRO OLHAR SOBRE *O HOMEM DUPLICADO*

Francisco das Chagas Jacinto Alves<sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo sobre o papel do professor na obra *O homem duplicado* de José Saramago. Publicada no Brasil em 2002, a obra discute a questão da identidade no mundo globalizado, a partir da história do encontro entre Tertuliano Máximo Afonso, professor de história, e seu sócio, António Claro, um ator coadjuvante. Por meio da análise de trechos do romance, busca-se verificar como o autor retoma o tema do duplo para abordar a cisão da identidade do homem contemporâneo. A intenção do artigo com o título *Um outro olhar sobre O homem duplicado* é primeiramente mostrar que esse romance de 2002 possibilita análises literárias além da já conhecida questão do duplo. E em seguida também observar de que modo o papel do docente é constantemente elaborado pelos autores lusitanos. Para isso evidencia-se os problemas enfrentados pelo protagonista Tertuliano Máximo Afonso, tangenciando o conflito entre a profissão de educador e o trabalho de ator do sócio.

**Palavras-chave:** duplo, professor, alter ego

### ABSTRACT

This paper presents a study on the role of the teacher in *The Double* of José Saramago. This book was published in Brazil in 2002 and focuses on the globalized world identity, based on the story of the meeting between Tertuliano Máximo Afonso, a History teacher, and his look-alike, António Claro, a supporting actor. Analyzing parts of the novel, the way this duplicity theme is observed to approach the division of the contemporary man's identity. A intention of the article titled another look at the man is duplicated first show that this novel of 2002 provides literary analysis beyond the familiar question of double. And then also observe how the role of the teacher is constantly developed by the authors lusitanos. For it is evident the problems faced by the protagonist Tertuliano Maximo Afonso, touching the conflict between the profession of educator and actor lookalike work.

**Key words:** double, teacher, lookalike

---

<sup>1</sup> Mestre em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo e professor da rede pública e privada, atuando no Ensino Médio e Superior. Email: franciscochagasalves@usp.br.

Considerado um dos maiores escritores do mundo devido ao conjunto de sua obra, o autor português José Saramago publicou inúmeros romances, que podem ser divididos em dois grupos: os de temática histórica e os de temática universal. Segundo a professora e pesquisadora brasileira Teresa Cristina Cerdeira da Silva (1989), os livros de temática histórica são aqueles que misturam personalidades e lugares reais do passado com fatos e personagens ficcionais, como em *Levantado do chão* (1980), *Memorial do Convento* (1982) e *O Ano da morte de Ricardo Reis* (1984). Já os de temática universal, como *Ensaio sobre a cegueira* (1995) e *A caverna* (2001), segundo a catedrática Ana Paula Arnaut (2005), têm em comum três ocorrências: o espaço, todas as histórias ocorrem numa grande metrópole; os enredos prodigiosos e, principalmente, os problemas da contemporaneidade, como individualismo e perda de identidade que cercam os protagonistas.

Os problemas do indivíduo, de acordo com os estudiosos de Saramago, Álvaro Cardoso Gomes (1998) e Odil de Oliveira Filho (1993), são trabalhados nos romances tanto na estrutura de superfície quanto na estrutura profunda. Contudo, a questão contemporânea ganha mais relevo nas obras de temática universal. No artigo *Modernidade e Pós-Modernidade na ficção portuguesa contemporânea*, a professora Marlise Vaz Bridi (2005, p. 1) ressalta que, nesses trabalhos, o escritor elabora uma pertinente crítica aos modelos sociais convencionais. Essa inquietante postura ideológica do autor lusitano é marcada pela crítica aos excessos da contemporaneidade numa construção narrativa fabular, como no enredo de uma cegueira “branca” que acomete quase uma sociedade inteira em *O Ensaio sobre a cegueira*.

Também dentro do conjunto das obras com temática universal, o romance *O homem duplicado* (2002), aborda questões da contemporaneidade, tratando especialmente do conflito e da perda de identidade. O enredo retrata um momento muito peculiar na vida de um professor de História de ensino secundário, Tertuliano Máximo Afonso: o encontro com uma pessoa fisicamente idêntica. A primeira aparição do sócia ocorre em uma noite em que Tertuliano assiste a uma fita de vídeo em seu apartamento. De repente, observa a semelhança física que há entre ele e o ator que representa o recepcionista do hotel na ficção cinematográfica *Quem Porfia Mata Caça*. A partir de então, faz de tudo para encontrar esse novo eu. *O homem duplicado* mostra o percurso do protagonista nesta busca pelo idêntico e depois os problemas derivados do encontro dos duplos.

A sucessão de processos duplicativos na trama de *O homem duplicado* remete à questão da identidade do indivíduo. O contexto é o contemporâneo. As personagens usufruem das tecnologias da

comunicação de massa: televisão, videocassete, controle remoto. O que permite situar a história narrada entre o final do século XX e início do século XXI. Para fazer esse retrato do homem contemporâneo, Saramago adota como protagonista um professor, o que permite analisar a condição da docência na atualidade. Além deste levantamento, este artigo tem o objetivo de analisar como o labor de educador determina os conflitos desse romance lusitano, observando a relação entre a ocupação do protagonista e o surgimento do duplo. E a justificativa para tal análise se coloca pelos poucos trabalhos ou nenhum em que se estuda o papel da profissão de educador no enredo geral dessa obra.

Uma das hipóteses interpretativas é que o conflito de identidade surge em decorrência do descontentamento com a profissão. Para verificar essa questão, cabe analisar passagens da obra relacionadas à descrição da profissão, o sentimento do protagonista acerca de sua ocupação e ao surgimento do duplo, recorrendo as contribuições teóricas de Sigmund Freud sobre o universo psíquico e Jean Chevalier sobre o sonho.

## A VERDADEIRA DUPLICIDADE DE TERTULIANO

As primeiras folhas do livro de *O homem duplicado* constrói a história de uma pessoa que está em conflito consigo por causa da profissão de educador. Os discursos da personagem principal intercalados pela voz do narrador são norteados por uma crítica às coisas que o cercam. Primeiramente Tertuliano se manifesta cansado com a vida solitária que vive; em seguida se mostra incomodado com o próprio nome ao ponto de descrevê-lo como *malfadado* (p.9); e, por último, despeja os seus maiores lamentos na profissão de educador:

Desse mal, na suposição de que realmente o seja, todos nos queixamos, também eu quereria que me conhecessem como um génio (...) em lugar do medíocre e resignado professor de um estabelecimento de ensino secundário que não terei outro remédio que continuar a ser, Não gosto de mim mesmo, provavelmente é esse o problema. (Saramago, 2012-p.14)

O enxerto selecionado evidencia o conflito do protagonista com o labor educacional. Numa leitura atenta é possível afirmar que o vocábulo medíocre está ligado ao seu exercício de educador, já que a personagem principal ao se comparar com o colega de Matemática, afirma se considerar um docente de pouco talento. Da mesma maneira que faz com o adjetivo resignado. Essa personalidade submissa contribui para que ele permaneça numa zona de conflito com o trabalho sem uma atitude de mudá-la ou de mudar de profissão.

Um exemplo é o projeto abandonado de uma nova metodologia para ensino de História que poderia tornar a disciplina mais atraente. Tertuliano propõe um estudo diferenciado da sua matéria, indicando que a mesma não seja mais pensada de acordo com os fatos do passado, mas que a partir dos acontecimentos do presente possa se discutir o pretérito: *História, é se deveremos ensiná-la de trás para diante ou segundo a minha opinião, de diante para trás* (p.46). A ideia ganha fôlego com o aval do Ministério da Educação, o protagonista, todavia, não dá continuidade a ideia.

O mesmo tipo de atitude indecisa e fraca ocorre em relação a possibilidade de exercer outra profissão. A personagem principal aparece durante diversas passagens reclamando da educação. Num desses trechos, ele confessa ao colega de Matemática a insatisfação com a docência e a vontade de seguir outro caminho:

Talvez, talvez, andamos a pôr o tempero de sempre nos pratos do costume, nada muda, Pensa deixar o ensino, Não sei com precisão, nem mesmo vagamente, o que penso ou o que quero, mas imagino que seria uma boa ideia, Abandonar o ensino, Abandonar qualquer coisa. (Saramago, 2002 - p.83)

Entretanto, como se observa no excerto selecionado, a falta de coragem faz Tertuliano recuar em abandonar a docência. A única alternativa é ir levando a vida, tentando combater o marasmo da falta de animo. Para isso, aceita o conselho do docente de Matemática e aluga um filme de ficção, *Quem Porfia Mata a Caça*. Uma técnica que o próprio amigo de trabalho já utilizou quando também estava num momento conflituoso com o trabalho educacional: *Por isso, digo-lhe que se entretenha a ver uns filmes como quem toma tranquilizantes* (...) (p.14)

A ação entretanto complica ainda mais o problema psíquico do protagonista, já que Tertuliano parece sofrer de um tipo de esquizofrenia. O protagonista tem no histórico um casamento frustrado sem um motivo aparente; um relacionamento atual com uma moça mais jovem, Maria da Paz, só ainda em pé por causa da insistência dela; uma necessidade de se manter solitário, evitando amizades fora do espaço de trabalho. E, o mais preocupante, dialoga constantemente com uma voz interior, conhecida como alter ego. Características que se encaixam na neurose do duplo, investigada e definida por Sigmund Freud.

O pai da psicanálise moderna, em *História de uma neurose infantil e outros trabalhos* (1914), destaca que uma pessoa pode ser acometida por essa esquizofrenia numa má formação do libido, em particular na infância, por causa de uma ausência paterna ou masculina para construir a identidade. Isso resulta numa imaturidade afetiva, incapacitando o indivíduo de interagir socialmente ou de se relacionar com alguém por um longo período e, nos casos mais adiantados, provocando alucinações ao

ponto de fazer enxergar nos outros a identidade ausente. O sósia, assim, seria um desejo inconsciente da personagem principal para fugir da profissão de educador.

Tertuliano "auxiliado" pela fraqueza psíquica recorre ao filme para se tornar definitivamente um outro homem. Primeiramente, enxerga-se idêntico ao ator do filme *Quem Porfia Mata a Caça*, e depois transforma-se por meio onírico nesse outro, mudando de nome e principalmente de profissão. A projeção em António Claro possibilita que o herói possa viver uma realidade totalmente diferente da atual. Uma pessoa capaz de adotar diversas personalidades no cinema. Um trabalho de remuneração e reconhecimento social.

Essa hipótese de que o sósia faz parte de uma ilusão da personagem principal ganha consistência na análise de como se dá o encontro entre os dois. O sósia não surge no primeiro momento em que o herói assiste a película, mas depois de acordar sobressaltado por alguém dentro da residência. Ao vasculhar toda a residência a procura do tal estranho, acaba se deparando com a televisão e o vídeo. E desconfiado, rebobina a fita até encontrar o tal duplo:

A fita desandou, passou outra vez pela cara do recepcionista, a mulher jovem e bonita tornou a entrar no hotel, tornou a dizer que se chamava Inês de Castro e que tinha uma reserva, agora sim, aqui está, a imagem fixa do empregado da recepção olhando de frente quem o olhava a ele. Tertuliano Máximo Afonso levantou-se da cadeira, ajoelhou-se diante do televisor, a cara tão perto do ecrã quanto lho permitia a visão, Sou eu, disse [...] (Saramago, 2002 - p. 23)

A inverossimilhança da trama é o primeiro indício de que o acontecimento parece fazer parte de um sonho de Tertuliano. O protagonista não se reconhece na trama enquanto assiste ao filme, todavia depois de dormir e possivelmente acordar, retorna ao espaço do vídeo para se "ver" na película. O correto numa obra verossímil que se pauta em apresentar fatos do cotidiano de um homem numa grande metrópole, seria que a personagem principal pelo menos durante a exibição levantasse alguns questionamentos sobre o coadjuvante idêntico. E mesmo que não fizesse, isso poderia acontecer num segundo momento, possivelmente depois de assisti-la novamente sem a necessidade de dormir para ocorrer o reconhecimento. O crítico Jean Chevalier no dicionário de símbolos destaca o mundo onírico como um dos refúgios para uma outra identidade. Nesse mundo paralelo psíquico, continua o estudioso, a pessoa tem o recurso de ser outro, no intuito de fugir da imagem real que o destrói:

O sonho é um dos melhores agentes de informação sobre o estado psíquico de quem sonha. Fornece-lhe, num símbolo vivo, um quadro de sua situação existencial presente: ele é para quem sonha uma imagem frequentemente insuspeitada de si mesmo; é um revelador do ego e do self. Mas ao mesmo tempo os dissimula, exatamente como um símbolo, sob imagens de seres distintos do sujeito. Os processos de identificação não são controláveis no sonho. O sujeito se projeta na imagem de um outro ser: aliena-se,

identificando-se com o outro. Pode ser representado com traços que não tem aparentemente nada em comum com ele, homem ou mulher, animal ou planta, veículo ou planeta etc. ( p. 149).

Outro importante elemento há ser destacado no romance *O homem duplicado* reafirmam a condição de que o duplo faz parte de uma ilusão de Tertuliano. Como numa espiral, os duplos são constituídos infinitamente pela neurose do duplo na personagem principal. Depois que o professor torna-se ator assumindo a identidade do sócia e a vida social do mesmo, ocorre o aparecimento de mais um "gêmeo nos mesmos moldes em que Tertuliano conheceu António Claro. Esse duplo liga para o herói e comunica-lhe das coincidências físicas de ambos:

O telefone tocou. Sem pensar que poderia ser algum dos seus novos pais ou irmãos, Tertuliano Máximo Afonso levantou o auscultador e disse, Estou. Do outro lado uma voz igual à sua exclamou, Até que enfim. Tertuliano Máximo Afonso estremeceu, nesta mesma cadeira deveria ter estado sentado António Claro na noite em que lhe telefonou. Agora a conversação vai repetir-se, o tempo arrependeu-se e voltou para trás. É o senhor Daniel Santa-Clara, perguntou a voz, Sim, sou eu, Andava há semanas à sua procura, mas finalmente encontrei-o, Que deseja, Gostaria de me encontrar pessoalmente consigo, Para quê, Deve ter reparado que as nossas vozes são iguais, Parece-me notar uma certa semelhança, não igualdade, Como queira, Não é só nas vozes que somos parecidos, Não entendo, Qualquer pessoa que nos visse juntos seria capaz de jurar que somos gémeos, Gémeos, Mais que gémeos, iguais, iguais. (p.315)

#### Uma Outra Metáfora Possível - Considerações finais

A característica salutar de *O homem duplicado* é a infinidade de processos de análise tal como o inesgotável número de duplos criados pela neurose de Tertuliano. Nas poucas linhas demonstradas nesse artigo pode-se observar que a profissão, em particular de docente, também serviu de mote para se discutir a condição da multiplicidade identitária contemporânea.

A morte do professor e a sobrevivência do ator no enredo aponta para a necessidade de uma profissão multifacetada. Tertuliano permanece vivo ao final do romance, todavia na condição de ator. A docência em *O homem duplicado* desta maneira é substituída por uma profissão que tem como particularidade a possibilidade de vivenciar diversos outros papéis. O enredo de maneira metafórica aponta assim que o cidadão para sobreviver na contemporaneidade tem que ser totalmente multifacetado tanto na identidade quanto na profissão.

## Referências bibliográficas

ARNAUT, Ana Paula. O homem e sua ilha. São Paulo: Duetto, v.2, p. 28-29, jan. 2005.

BRIDI, Marlise Vaz. *Modernidade e pós-modernidade na ficção portuguesa contemporânea*. Todas as Letras. Universidade Presbiteriana Mackenzie: São Paulo, 2005.

FILHO, Odil de Oliveira. *Carnaval no convento: intertextualidade e paródia em José Saramago*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

CHEVALIER & GHEERBRANT. *Dicionário de Símbolos*. Trans.: Carlos Sussekind (org.), Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Angela Melim, Lúcia Melim, 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

FREUD, Sigmund. História de uma neurose infantil e outros trabalhos". In: *Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Ed. Standart Brasileiras, Imago, 1976.

GOMES, Álvaro. A voz itinerante. São Paulo: Edusp, 1993.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Trans. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11.ed. São Paulo: DP&A, 2005.

RIBEIRO, Raquel de Sousa. *Saramago e Bruegel: a cegueira e suas visões*. In: ANAIS DO XI ENCONTRO REGIONAL DA ABRALIC. São Paulo, 2007. Disponível em: <[www.abralic.org.br/enc2007/anais/41/1087.pdf](http://www.abralic.org.br/enc2007/anais/41/1087.pdf)>. Acesso em: 02 ago. 2012.

SARAMAGO, José. O homem duplicado. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SILVA, Teresa Cristina Cerdeira. *José Saramago entre a história e a ficção: uma Saga de Portugueses*. Lisboa: Dom Quixote, 1989.

